

OCTAVIO PITALUGA

José Barnabé de Mesquita

A Amarante se liga, servindo lhes de união a Comissão Rondon em que ambos trabalharam, o nosso saudoso confrade Octavio Pitaluga.

Compares na milicia nacional, em que atingiram ambos o mesmo posto, quis o destino que um e outro chegassem, com pequeno intervalo de três meses, ao término da sua carreira terrena, havendo menos de dois meses de diferença na sua idade.

E - circunstância para notada - foi Octavio Pitaluga quem, já ferido pelo toque mortal de insidiosa moléstia, em sessão de 28 de agosto de 1929, justificou e propôs, na Assembleia Legislativa, um voto de pesar pelo desaparecimento do velho companheiro de farda. (O Democrata de 30/8/1929).

Como Amarante, sucumbiu Pitaluga no posto, como chefe da secção de construção da linha de Jataí a Mineiros, se bem que o seu precário estado não lhe permitisse maior atividade que a do escritório.

Filho do Major Ildefonso Peixoto de Almeida Pitaluga e d. Maria Carolina Pitaluga, nasceu o nosso consócio nesta cidade, a 5 de novembro de 1880.

Aqui fez os seus estudos primários nas escolas de D. Corsina Pitaluga Poyart e de Solano Alves Pereira e João Christião Carstens (1888 a 1891).

O curso secundário fê-lo no Seminário da Conceição, então regido pelos padres Lazaristas (1892 - 1893) e no Ateneu Cuyabano (1895 - 1896), seguindo para Porto Alegre, em cuja Escola Militar se matriculou em 1897, transferindo-se dois anos após, para a da Praia Vermelha, no Rio, onde concluiu, em 1902m o curso geral da arma de Infantaria. Voltando para o seu estado natal, entrou logo a tomar parte ativa na política, filiando-se ao grupo simpático ao então presidente Coronel Antonio Paes de Barros e exercendo ainda alferes, marcada atuação nos acontecimentos revolucionários de 1906.

Nesse ano casou-se, a 23 de dezembro, com D. Maria Nina Moreira Pitaluga, de cujo enlace deixa três filhos, Plinio, Venina e Octavio Pitaluga Filho, o primeiro dos quais seguiu a carreira paterna.

A ação de Octávio Pitaluga pode ser apreciada sob triplice aspecto: como técnico, a serviço da Comissão Rondon; como deputado, que o foi por várias legislaturas e como jornalista e estudioso de nossas coisas.

No seio da Comissão, vários e múltiplos foram os seus trabalhos por ele levados a efeito, na seção de construção de linhas telegráficas, nos vários setores em que se desdobra a mesma comissão.

Não consegui, infelizmente, conquanto houvesse pedido com tempo, os dados que me permitissem precisar tais trabalhos.

Na Assembleia, onde lhe coube representar o povo desde 1912, durante 17 anos, vindo a morte encontrá-lo reeleito para o atual triênio legislativo, é conhecida a sua operosidade, quase sempre a serviço de causas importantes, e o interesse que manifestou, sem desfalecimento, por todos os assuntos que diziam respeito ao progresso do Estado.

Foi um dos mais entusiastas propugnadores da via férrea - ainda hoje o nosso problema vital ! - tendo, quando se tratou naquela corporação da concessão Oscar Moreira em 1921, sido um dos que mais se bateram por essa medida, de amplas consequências para o nosso futuro econômico e que continua lastimavelmente paralizada.

Não foi essa a única vez que dentro daquele recinto a sua voz se ergueu na defesa dos grandes interesses matogrossenses.

Percorrendo os anais da Assembleia, de duas décadas para cá, ver-se-á que, tanto na tribuna, como no trabalho das Comissões, Pitaluga foi sempre um estudioso dos nossos problemas administrativos e políticos, para cuja solução muitas vezes concorreu.

Propondo a criação de novos departamentos policiais e judiciários, alvitando providências atinentes à boa marcha dos serviços públicos, retificando, por impróprios e errôneos, os nomes de acidentes geográficos, cuidando, mediante lúcida exposição do problema, da proteção à indústria dos poaias, uma das nossas fortes fontes de receita, nota-se a ação do dedicado mandatário norteadora pelo patriotismo e amor aos nossos magnos problemas.

Não menor o seu esforço no jornalismo doutrinário e político, escrevendo longos e oportunos comentários aos eventos em foco, artigos esses que por aí andam, nas folhas volantes do periodismo local, atestando a sua dedicação aos grandes temas ligados à equação do desenvolvimento do estado.

Colaborou assiduamente nos seguintes jornais: "O Pharol" (1a. e 2a fases); "O Rebate", "O Debate", "A Reação", "O Republicano", "O Correio do Estado"; "O Democrata", além de outros a quem emprestou, de quando em vez, o seu concurso.

Não há negar que o contagiou, por vezes, o ardor, a belicosidade apaixonada das nossas refregas partidárias, que faz ver no adversário o inimigo que é

mister aniquilar a todo o transe.

Por outro lado, força é reconhecer que também ele foi, por mais de uma feita, vítima do meio, alvejado pelos obuses e saturado pelos gases asfixiantes dessa imprensa desregrada que não pede meças à razão, que combate pelo prazer satânico de demolir, afastando e si o mais rudimentar sentimento de solidariedade humana.

São coisas, porém, que melhor ficam esquecidas, sendo aliás, segundo a palavra do Mestre, bem poucos os que poderiam atirar a primeira pedra.

Um quê de impulsivo e apaixonado foi, aliás, traço predominante no seu temperamento, levando em conta essa impetuosidade para todas as pugnas em que se empenhara - políticas, religiosas ou de outra natureza.

Empolgaram-no certas idéias e conceitos que só o tempo, na sua lima surda e a experiência no seu dioturno aprendizado, fazem desaparecer. Certo, a enfermidade longa e penosa que o protestou, lhe haveria incutido com a consciência do seu estado, melhor conhecimento dos homens e da vida.

E ao fechar os olhos para a grande noite, terá pressentido o nosso confrade, nesse clarão que ilumina a passagem de um para outro mundo, o nada das coisas terrenas, a inanidade ridícula destas querelas em que esterilmente nos exaurimos e a suprema intuição da vida anterior, toda feita de apaziguamento, de serenidade, de meditação, de amor universal por todo quanto existe. O espiritualismo - a uma de cujas escolas se envolvera - lhe terá feito entrever novas abertas na "*selva selvaggia*" da vida e a dor lhe haverá insinuado que a paz do espírito - só está em nós, na nossa consciência, como quer a "*Imitação*" e que nela reside a única felicidade compatível com a existência humana.

Que essa paz lhe possa confortar o espírito tão perturbado pelas lutas do viver que hoje se abrigou no seio eterno da Infinita Misericórdia e da Justiça Infinita.